

Sylvia Plath: uma poeta em três mortes

Jessica Atal

Tradução de André Faria¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Este ano de 2010 completam cinquenta anos que o primeiro livro de poesia de Sylvia Plath, *El Coloso y otros poemas* foi publicado na Inglaterra no ano de 1960. Reconhecida na atualidade pelo seu estilo confessional – junto a Anne Sexton e Robert Lowell –, esta trágica heroína pediu a gritos que a salvassem da morte através de uma das vozes poéticas mais originais da poesia norte-americana do século XX.

Ela sempre soube que seria escritora. Sylvia Plath era uma poeta que acreditava em sua poesia. Sabia claramente qual era a sua paixão, sua vocação e ela nunca questionou isso. Tudo o que sentia e vivia, tudo o que via, transformava em palavras, em arte. Ted Hughes, seu marido e também poeta inglês, nunca a viu descartar nenhum de seus escritos. O que ela começava levava até o fim. Junto ao grosso dicionário de capa vermelha que herdou de seu pai, ela fazia o trabalho de uma escultora. polia o poema até descobri-lo e trazer à tona sua forma final, sua essência, se era uma paisagem de inverno, um pedaço de fruta, um esqueleto de mulher, a noite ou o nascer do sol, a calma ou a fúria que desencadeava dentro dela. Foi uma mulher de mente frenética e nebulosa, inteligente, faminta como uma fera, apaixonada, transitando pelos lugares da existência sempre à beira do abismo, superexposta, como uma "tola magnânima despejada de seu único reino...". Uma mulher excepcionalmente dotada, sua poesia é de uma riqueza inesgotável e única; reúne engenhosidade, graça, ternura, ritmo, força e, acima de tudo, ousadia, coragem e verdade.

Sylvia Plath soube como lidar com os aspectos mais esplêndidos e também com os aspectos mais sombrios da vida: a dor, a doença e a morte. Juntamente com Anne Sexton e Robert Lowell, eles são os grandes expoentes da poesia confessional norte americana. No entanto, nada, nem seu imensurável talento, nem sua paixão por escrever nem o amor por seus dois filhos pequenos foram capazes de salvá-la da profunda

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) / Departamento de Letras e Línguas Estrangeiras (DLLE). E-mail: dedefaria1@hotmail.com.

depressão da qual ela foi intermitentemente vitimada ao longo de sua vida e que finalmente a mataria. Ela foi uma dessas pessoas que acabam sendo devoradas pelo inferno que às vezes encontram e sofrem na Terra. A manhã de 11 de fevereiro de 1963, exatamente no dia em que completavam três anos desde que a editora Heinemann publicou seu primeiro livro, *O Colosso e Outros Poemas*, (The Colossus and Other Poems) com significativos elogios por parte da crítica, Sylvia Plath, já um pouco longe deste mundo, deixou dois copos de leite ao lado de seus filhos, e se trancou na cozinha, preocupando-se em fechar todas as saídas. Ingeriu pílulas para dormir, acendeu o forno e colocou a cabeça dentro dele. Mais tarde, ela seria encontrada morta e a causa não seria difícil de determinar: suicídio por sufocamento.

O despertar literário

Sylvia nasceu em 27 de outubro de 1932, em Boston, Massachusetts, filha de Otto Plath, um imigrante alemão, entomologista e professor universitário, e Aurélia Schober, também professora. Sempre foi muito atenta, interessada em aprender e descobrir o mundo. Um de seus professores em Bradford se lembra dela como uma garota "alegre, vital e encantadoramente entusiasmada". Aos oito anos, já escrevia poemas e um sobre grilos e vagalumes foi publicado no Boston Sunday Herald. Aos 13 anos, a revista phillipiana publicaria outros trabalhos seus sobre a natureza e emoções de acordo com sua idade. Era uma menina alta e bonita; seu cabelo loiro, brilhante e longo, era penteado em duas tranças. Seu sorriso encantava. Apaixonada pelos estudos, ela sempre queria ser a melhor. Desde de pequena associou o ser "uma boa menina" com o amor e a atenção que seus pais lhe davam. O veneno da exigência e da perfeição aninhou profundamente em seu espírito inquieto, ávido por conhecimento. Por outro lado, era um amante da natureza e do mar. Era fascinada pela vida ao ar livre, a enchia de energia, sentia-se feliz. Mas um fato trágico, a morte de seu pai em 1940, marcaria não só sua infância, mas se tornaria um trauma – o medo do abandono – que Sylvia nunca superou.

Com o tempo, Otto Plath se acostumou a passar o tempo trancado em seu estúdio, escrevendo e estudando, dando cada vez menos atenção às crianças e à casa. De repente, ele começou a enfraquecer fisicamente e recusando-se a ir ao médico (de alguma forma, procurou sua própria morte), contava com os cuidados de sua esposa, vinte anos mais nova que ele, que deveria até mesmo ajudá-lo a digitar seu trabalho. As

crianças eram frequentemente deixadas aos cuidados dos avós maternos. Otto Plath mais tarde teria sua perna amputada como resultado de gangrena. Foi quando o diagnosticaram com um quadro avançado de diabetes. Em pouco tempo, no ano de 1940, ele morreu de embolia pulmonar.

Os sentimentos da família foram encontrados. Por um lado, as crianças (Sylvia e Warren, alguns anos mais novas que a irmã) ficaram sem pai, mas recuperaram a atenção da mãe. Aurélia, por sua vez, recuperou alguma independência, embora Sylvia estrelasse cenas manipuladoras e possessivas que a fariam desistir da ideia de continuar desenvolvendo-se profissionalmente.

A família mudou-se para viver por um tempo com os avós maternos e a organização do sistema familiar não era mais tão rigorosa. Sylvia, de qualquer forma, continuaria a exigir-se de uma maneira doentia, sem deixar nunca a aluna excepcional que sempre foi. O que não era um sucesso absoluto, o considerava um fracasso. Ela tinha uma necessidade obsessiva de ser a melhor em tudo: "A perfeição é terrível/ não pode ter filhos", escreve em "Os Manequins de Munique". Em plena adolescência, seus poemas e histórias eram publicados em revistas como *Seventeen*, *Mademoiselle* e *The Christian Science Monitor*. Aos 17 anos, se declarou escritora profissional.

Em 1950 começou a escrever um diário sobre sua vida de forma sistemática. Além de anotações sobre eventos cotidianos, ela estava interessada na política de seu país e no que ela chamava de "decadência da América", mas especialmente ali vimos como as relações sentimentais se tornam parte importante de sua vida. O mais grave era que procurava controlá-los tanto quanto controlava o resto das coisas ao seu redor, e quando um relacionamento falhava, era muito difícil para Sylvia suportar frustração e desgosto: "Meus pensamentos são ásperos e pálidos/ Minhas lágrimas como vinagre/ Ou o amarelo amargo e cintilante/ de uma estrela atlética", são os primeiros versos do poema intitulado "Traído". Em seguida começariam ataques de raiva e depressões que a levavam a se perguntar sobre o significado de sua vida e da existência. Aos 18 anos, escrevia: "Para que é a minha vida? O que vou fazer com ela? Eu não sei e tenho medo. Essas situações alternavam-se com pontuais momentos de narcisismo e segurança. Ansiava por liberdade, poder, e rejeitava a subjugação feminina da época. Em seu diário lemos: "Liberte-me de cozinhar três vezes ao dia. Liberte-me da gaiola inexorável de rotina e costume"; "Acho que gostaria de me chamar de 'A Garota que Queria Ser Deus'"; e, mais tarde: "Eu amo a liberdade. Deploro restrições e limitações... Eu sou eu... Eu sou poderosa.

A questão econômica nunca foi fácil para a família Plath, especialmente depois da morte do pai, e Sylvia teve que trabalhar para pagar seus estudos. Às vezes ela cuidava de crianças, e também recebia alguns dólares com seus prêmios e publicações literárias. Quando começou seus estudos na Smith College, sentia-se inferior a muitas de suas colegas, embora ela fosse reconhecida por suas boas notas e tivesse sido escolhida como uma das editoras da revista da universidade. No entanto, no final de 1952, Sylvia desenvolveu depressão aguda. Ela teve que ser internada e os médicos aconselharam tratamento com eletrochoque. Esta experiência a apavorou e causaria um grande ressentimento contra sua mãe. Fora do círculo familiar, ninguém sabia sobre sua doença. Sylvia contava em suas cartas que estava tirando umas férias "pacíficas". Poucos dias depois de deixar o hospital, forçou um armário onde havia um frasco de pílulas para dormir, tomou-os, e rastejou para um esconderijo entre os quartos da casa. Deixou um bilhete dizendo que estava indo para uma longa caminhada. Ficou inconsciente por dois dias, até que algumas queixas alertaram seu irmão. Ela tinha 20 anos. Foi sua primeira tentativa de suicídio e o segundo encontro próximo da morte.

Uma das poucas pessoas que entendia a complexidade do caráter de Sylvia era Olive Higgins Prouty, uma mulher que logo reconheceu o grande talento de Sylvia e foi sua protetora ao longo da vida. A própria Sra. Prouty já havia vivido e superado uma grave crise nervosa e sabia que a única maneira de Sylvia se recuperar era sob os cuidados de um bom médico. Sylvia Plath teve a sorte de conhecer Ruth Beuscher, uma jovem psiquiatra que se tornaria um importante pilar psicológico para ela: Beuscher tentou ensiná-la a confiar em si mesma, a entender a relação com seus pais, a entender que ela não precisava "fazer" nada para ser digna de amor. Pouco depois de tratá-la, Sylvia parecia recuperada.

Em sua biografia sobre Sylvia Plath, Linda W. Wagner-Martin escreve: "A imagem de Sylvia na faculdade em 1954 foi a de uma estrela acadêmica, uma escritora que ganhava todos os concursos literários, a garota que trabalhava demais e havia sofrido um colapso nervoso devido ao cansaço." Ela impressionava seus professores e eles tinham a imaginavam como uma jovem mulher "absolutamente equilibrada, saudável e criativa... Dava a impressão de que ela tinha acabado de chegar de uma temporada de esqui em Vermont ou de uma praia das Bermudas." No final de 1955, Sylvia receberia seu prêmio mais importante até então: a Bolsa Fulbright para estudar no Newnham College em Cambridge, Inglaterra. Uma vez em Cambridge, ela parecia ter renascido. Embora os momentos de crise não tivessem desaparecido, e durante o

primeiro ano de estudo eles a internaram novamente, ela estava encantada com a universidade. Um ano depois, em 1956, conheceu o poeta Ted Hughes, com quem imediatamente começou um relacionamento que os levaria a se casarem alguns meses depois. Seus amigos os chamavam de "Os Brownings do século XX" e eram admirados por seus evidentes méritos literários. O casal emanava sucesso e sensualidade em um clima de grande intelectualidade. Sylvia achava que seu marido era o homem perfeito - "um Adão alto... ele é o único homem no mundo que é igual a mim..." - e que eles eram, sem dúvida, o casal perfeito - "nós dois precisamos das mesmas horas de sono, e a mesma quantidade de comida e tempo para escrever" ... No entanto, o embelezamento não seria eterno e logo foi novamente engolido por angústia e confusão: "O mundo tornou-se tortuoso e amargo como um limão da noite para o dia."

O casal se mudou por um tempo para os Estados Unidos, e Sylvia voltou como professora para a Smith College. Mas também não foi um momento fácil, porque entre as aulas e o trabalho doméstico, ela praticamente não tinha tempo para escrever; invejava terrivelmente seu marido que estava apenas escrevendo, sem se preocupar em ganhar a vida com outro trabalho "real" como ela fazia. Sinusite e gripe a afetava com frequência e toda vez que ficava doente mergulhava de volta em depressões sombrias: "Eu mereço um ano, dois anos, para dar a mim mesmo uma vida própria." Eles tiveram uma pequena trégua quando passaram algumas semanas em Yaddo, um local de residência para importantes escritores e artistas. Foi lá que Sylvia ficou fascinada com a poesia de Theodore Roethke e adotou um tom mais coloquial, irônico, leve e solto em sua escrita. Fazia pouco tempo que ela tinha conhecido a poesia de Robert Lowell e também a poeta Anne Sexton; as duas se identificaram muito, Sylvia adquiriu de Anne o uso de elementos oníricos e surreais. Na verdade, ambas seriam reconhecidas como figuras relevantes da poesia confessional e coincidiriam em um final trágico. Mulheres à frente de seu tempo? Muitos agora especulam sobre a bipolaridade de Sylvia Plath. Provavelmente os medicamentos certos poderiam ter sido o ingrediente que não souberam indicar no seu currículo.

Em 1959, Sylvia Plath e Ted Hughes retornaram à Inglaterra. Viveram em Londres e um ano depois mudaram-se para Devon. Eles compraram uma casa antiga com dez quartos, o que parecia apropriado para a família que eles estavam esperando. Em abril de 1960 nasceu sua primeira filha, Frieda, um fato que coincidiu com o tom mais íntimo de sua poesia. Ela deixou as musas e deuses do mundo exterior, personagens mundanas e eventos cotidianos, para se internar "em sua casa", "uma casa

escura, muito grande, eu mesma fiz". A fama de Sylvia crescia. Ela escreveu poesia e prosa para a BBC e, em 1961, o *The New Yorker* assinou com a autora um contrato de "primeira escolha", que deu à revista o direito de ler e publicar todos os seus novos trabalhos.

Quase dois anos depois, em janeiro de 1962, seu filho Nicholas nasceu. Já com dois filhos pequenos, muitos poemas foram dedicados à maternidade e essas criaturas que emanavam pura ternura: "Elas são as mais reais, muito bem: o bom, a verdade". Mas uma catástrofe estava por vir. Poucos meses depois, em outubro do mesmo ano, o relacionamento com Ted Hughes chegou ao fim. Sylvia tinha descoberto a infidelidade de seu marido com outra poeta. A dor a desequilibrou completamente. Fez uma fogueira com o material escrito por Hughes. Foi durante esses momentos que escreveu os poemas que formariam o núcleo de *Ariel*, o primeiro livro publicado após sua morte. No poema de mesmo nome, ela escreve: "E agora eu/ Da espuma ao trigo, esplendor dos oceanos/ O choro de uma criança// Derrete na parede/ E eu sou a flecha / O orvalho que voa / Suicida, em uníssona com o impulso / Rumo ao vermelho".

Em 1963 seu romance autobiográfico *The Crystal Bell* foi publicado na Inglaterra, sob o pseudônimo de Victoria Lucas, que ela escreveu tomando como um modelo salinger romance *The Catcher in the Rye*. Escrevê-lo deu-lhe pela primeira vez o senso de continuidade à sua escrita e escreveu para uma amiga dizendo-lhe que nunca tinha sido tão entusiasmada como estava agora. Alí contava muitas experiências vividas antes de se casar, desde seus amores e anos de faculdade até a tentativa de suicídio.

A verdade é que o trabalho de Sylvia Plath nunca se afastou totalmente de uma atmosfera de abandono existencial, onde praticamente não há espaço para um porto seguro. "O céu está sempre caindo aqui"; "isso não é morte; é uma espécie de mais seguro. Sylvia Plath nunca teve medo da morte. Desde jovem, fez parecer que ela e a morte eram iguais, e já sabia reconhecer seus elementos tão bem quanto lidava com a vida. "Eu estou no lugar depois do inferno; eu vejo a luz. Deste lugar, depois de sua separação, ela não conseguiu mais sair. Não pode viver sozinha com duas crianças sob seus cuidados. Começou a adoecer muitas vezes e vivia com um cansaço nos ossos. Então se mudou para Londres, para um apartamento que tinha sido a casa de W.B. Yeats. Embora este fosse um bom presságio no início, foi lá que decidiu terminar seus dias de angústia e desolação. Escrever não foi um porto seguro e confiou no que achava que sabia fazer ainda melhor do que escrever: "Morrer/é uma arte, como todo o resto. / Eu faço excepcionalmente bem", são talvez os versos mais conhecidos de Plath, parte

do poema "Lady Lazarus". Como em um drama de comédia negra, aquele humor que ela gostava, o suicídio era a maneira de celebrar seu terceiro aniversário como escritora consagrada. Não conseguiu ver o futuro bem sucedido pela frente. Foi incapaz de quebrar o modelo destrutivo imposto pela história de sua família; Sylvia abandonaria seus filhos assim como fez seu pai.

Quase tudo escrito por Sylvia Plath passou para as mãos de Ted Hughes, responsável por selecionar e publicar sua obra. No entanto, ele mesmo confessou ter destruído parte de seus diários de vida: aqueles que ela escreveu durante os anos mais difíceis de seu casamento. Há outros documentos do autor que permaneceram lacrados no Smith College até 2013. Outros só poderão ser conhecidos após a morte de sua mãe Aurelia e irmão Warren. Aparentemente, a última palavra desta história incomum ainda não está escrita.

Sylvia Plath: una poeta en tres muertes

Jessica Atal²

Este 2010 se cumplen cincuenta años desde la aparición del primer libro de poesía de Sylvia Plath, *El Coloso* y otros poemas, publicado en Inglaterra en 1960. Reconocida actualmente por su estilo confesional – junto a Anne Sexton y Robert Lowell-, esta trágica heroína pidió a gritos que la salvaran de la muerte a través de una de las voces poéticas más originales de la poesía norteamericana del siglo veinte.

Siempre supo que sería escritora. Sylvia Plath era una poeta que creía en su poesía. Tenía claro cuál era su pasión, su vocación y nunca se la cuestionó. Todo lo que sentía y vivía, todo lo que veía, lo transformaba en palabras, en arte. Ted Hughes, su marido y también poeta inglés, nunca vio que ella desechara alguno de sus escritos. Lo que comenzaba llegaba a su fin. Junto al grueso diccionario de tapa roja que había heredado de su padre, ella hacía el trabajo de una escultora. Pulía el poema hasta

² Jessica Atal nació en Santiago de Chile. Ella es escritora, poeta, editora y crítica literaria. Estudió Literatura en la Universidad de Chile. Se graduó en la University of Utah (Salt Lake City, Estados Unidos) en 1988, con el título de Bachelor of Arts in Spanish. Escribió para el diario *El Mercurio* desde 1988 até 2015. En 2004 recibió el Premio Edward Said, otorgado por la Fundación Palestina Belén 2000. Su obra fue traducida para diversos idiomas y fue publicada en antologías, diarios y revistas, tanto en Chile como en el exterior. Actualmente trabaja como editora Independiente. Es también colaboradora del diario cultural *La Panera*.

descubrir y sacar a la luz su forma final, su esencia, ya fuera un paisaje invernal, un pedazo de fruta, el esqueleto de una mujer, la noche o el amanecer, la calma o furia que se desataba en su interior. Fue una mujer de mente frenética y nebulosa, inteligente, hambrienta como una fiera, apasionada, transitando por los parajes de la existencia siempre al borde del abismo, sobreexpuesta, como una “tonta magnánima desalojada de su único reino...”. Una mujer excepcionalmente dotada, su poesía es de una riqueza inagotable y única; reúne ingenio, gracia, ternura, ritmo, fuerza, y, sobre todo, audacia, valentía y verdad.

Sylvia Plath supo cómo lidiar con los aspectos más esplendorosos y también con los más oscuros de la vida: el dolor, la enfermedad y la muerte. Junto a Anne Sexton y Robert Lowell, son los grandes exponentes de la poesía confesional norteamericana. Sin embargo, nada, ni su inconmensurable talento ni su pasión por la escritura ni el amor por sus dos pequeños hijos fueron capaces de salvarla de la profunda depresión de la que fue víctima intermitentemente a lo largo de su vida y que, al final, acabaría con ella. Sylvia Plath fue una de esas personas que terminan siendo devoradas por el infierno que a veces se llega a encontrar y sufrir en la tierra. La mañana del 11 de febrero de 1963, exactamente el día en que se cumplían tres años desde que la editorial Heinemann publicara en Inglaterra su primer libro, *The Colossus and Other Poems*, con significativos elogios de la crítica, Sylvia Plath, ya algo alejada de este mundo, dejó dos vasos de leche al lado de la cama de sus niños, y se encerró en la cocina, preocupándose de sellar todas las salidas. Ingirió somníferos, prendió el horno y metió su cabeza dentro de él. Más tarde la encontrarían muerta y la causa no sería difícil de determinar: suicidio por asfixia.

El despertar literario

Sylvia Plath nació el 27 de octubre de 1932 en Boston, Massachusetts, hija de Otto Plath, inmigrante alemán, entomólogo y profesor universitario, y de Aurelia Schober, también profesora. Fue siempre muy despierta, interesada por aprender y descubrir el mundo. Uno de sus profesores de Bradford la recuerda como una niña “alegre, vital y encantadoramente entusiasta”. A los ocho años ya escribía poemas y uno sobre grillos y luciérnagas apareció publicado en el *Boston Sunday Herald*. A los 13, la revista escolar *The Phillipian* publicaría otros trabajos suyos sobre la naturaleza y emociones acordes a su edad. Era una niña alta y bonita; su pelo rubio, brillante y largo,

lo peinaba en dos trenzas y chasquilla. Su sonrisa encantaba. Apasionada por los estudios, siempre quería ser la mejor. Desde muy chica asoció el ser “una buena niña” con el cariño y la atención que sus padres le prestaban. El veneno de la exigencia y de la perfección anidó hondo en su espíritu inquieto, ávido de conocimiento. Era, por otro lado, amante de la naturaleza y el mar. Le fascinaba la vida al aire libre, la llenaba de energía, se sentía feliz. Pero un trágico hecho, la muerte de su padre en 1940, marcaría no sólo su infancia, sino que se convertiría en un trauma –el miedo al abandono- que Sylvia jamás lograría superar.

Con los años, Otto Plath se había acostumbrado a pasar el tiempo encerrado en su estudio, escribiendo y estudiando, otorgándole cada vez menos atención a los niños y a la casa. De pronto comenzó a debilitarse físicamente y negándose a ir al doctor (de alguna manera, buscó también su propia muerte), se apoyaba en los cuidados de su mujer, veinte años menor que él, quien incluso debía ayudarlo a mecanografiar sus trabajos. Los niños muchas veces quedaban al cuidado de los abuelos maternos. Más tarde, a Otto Plath le amputarían una pierna, consecuencia de una gangrena. Fue entonces cuando le descubrieron una avanzada diabetes. Al poco tiempo, en 1940, murió de una embolia pulmonar.

Los sentimientos de la familia fueron encontrados. Por una parte, los niños (Sylvia y Warren, un par de años menor que su hermana) se quedaban sin padre, pero recuperaban la atención de la madre. Aurelia, por su parte, recuperaba algo de independencia, si bien Sylvia protagonizaría escenas manipuladoras y posesivas que la harían desertar de la idea de seguir desarrollándose profesionalmente.

La familia se trasladó a vivir por un tiempo con los abuelos maternos y la organización del sistema familiar ya no era tan estricta. Sylvia, en todo caso, continuaría exigiéndose de manera enfermiza, sin dejar nunca de ser una alumna excepcional. Lo que no era un éxito absoluto, lo consideraba un fracaso. Tenía la necesidad imperiosa de ser la mejor en todo: “La perfección es terrible/ No puede tener hijos”, escribe en “The Munich Mannequins”. Ya en plena adolescencia, sus poemas y relatos se publicaban en revistas como *Seventeen*, *Mademoiselle* y *The Christian Science Monitor*. A los 17 años, se declaraba escritora profesional.

En 1950 empezó a escribir un diario de vida de manera sistemática. Además de anotaciones sobre acontecimientos cotidianos, le interesaba la política de su país y lo que ella llamaba “el decaimiento de Estados Unidos”, pero sobre todo allí observamos cómo las relaciones sentimentales se tornan parte importante de su vida. Lo grave era

que buscaba controlarlas tanto como controlaba el resto de las cosas a su alrededor, y cuando una relación fracasaba, era muy difícil para Sylvia soportar la frustración y el desamor: “Mis pensamientos son escabrosos y pálidos/ Mis lágrimas como vinagre/ O el amargo y parpadeante amarillo/ de una estrella acética”, son los primeros versos del poema titulado “Traicionada”. Después comenzarían ataques de cólera y depresiones que la llevaban a preguntarse por el sentido de su vida y de la existencia. Ya a los 18 años escribía: “¿Para qué es mi vida? ¿Qué voy a hacer con ella? No lo sé y tengo miedo”. Estas situaciones se alternaban con momentos de marcado narcisismo y seguridad. Ansiaba libertad, poder y rechazaba el sometimiento femenino de la época. En su diario leemos: “Líbreme de cocinar tres veces al día... líbreme de la inexorable jaula de la rutina y la costumbre”; “Creo que me gustaría llamarme ‘La chica que quería ser Dios’”; y, más adelante: “Amo la libertad. Deploro las restricciones y las limitaciones... yo soy yo... soy poderosa”.

El tema económico nunca fue fácil para la familia Plath, sobre todo después de la muerte del padre, y Sylvia debió trabajar para costear sus estudios. A veces cuidaba niños, y también conseguía algunos dólares con sus premios y publicaciones literarios. Cuando comenzó sus estudios en el Smith College, se sentía inferior a muchas de sus compañeras, si bien era reconocida por sus buenas calificaciones y la habían elegido como una de las redactoras de la revista de la universidad. Sin embargo, a fines de 1952, Sylvia presentó una aguda depresión. Tuvieron que internarla y los médicos aconsejaron tratamiento con electroshocks. Esta experiencia la aterrorizó y le causaría un gran resentimiento contra su madre. Fuera del círculo familiar, nadie supo de su enfermedad. Sylvia contaba en sus cartas que estaba pasando unas “plácidas” vacaciones. A los pocos días de salir del hospital, forzó un armario donde había un frasco de somníferos, los tomó, y gateando se metió en un escondrijo entre las habitaciones de la casa. Dejó una nota diciendo que salía a dar un largo paseo. Estuvo dos días inconsciente, hasta que unos quejidos alertaron a su hermano. Tenía veinte años. Fue su primer intento de suicidio y el segundo encuentro cercano con la muerte.

Una de las pocas personas que entendía la complejidad del carácter de Sylvia era Olive Higgins Prouty, una mujer que reconoció tempranamente el gran talento de Sylvia y fue su benefactora durante toda su vida. La misma señora Prouty había vivido y superado una grave crisis nerviosa y sabía que la única manera de que Sylvia se recuperara era bajo el cuidado de un buen médico. Sylvia Plath tuvo la suerte de conocer a Ruth Beuscher, una joven psiquiatra que se convertiría en un importante pilar

psicológico para ella: intentó enseñarle a confiar en sí misma, a comprender la relación con sus padres, a entender que no necesitaba “hacer” nada para ser digna de amor. Al poco tiempo de tratarla, Sylvia parecía recuperada.

En su biografía sobre Sylvia Plath, Linda W. Wagner-Martin escribe: “La imagen de Sylvia en la universidad en 1954 era la de una estrella académica, una escritora que ganaba todos los concursos literarios, la chica que había trabajado demasiado y había sufrido una crisis nerviosa debido a la fatiga”. Impresionaba a sus profesores y tenían de ella la imagen de una joven “absolutamente equilibrada, sana y creativa... Daba la impresión de que acabara de llegar de esquiar de Vermont o de una playa de las Bermudas”. A fines de 1955, Sylvia recibiría su premio más importante hasta entonces: la beca Fulbright para estudiar en el Newnham College de Cambridge, Inglaterra. Una vez en Cambridge, parecía renacer. Si bien no desaparecieron los momentos de crisis, y durante el primer año de estudios volvieron a internarla, estaba encantada con la universidad. Un año más tarde, en 1956, conocería al poeta Ted Hughes, con quien de inmediato comenzó una relación que los llevaría a contraer matrimonio pocos meses después. Sus amigos los llamaban “los Browning del siglo veinte” y eran admirados por sus evidentes méritos literarios. La pareja emanaba éxito y sensualidad en una atmósfera de genial intelectualidad. Sylvia pensaba que su marido era el hombre perfecto –“un Adán alto... es el único hombre del mundo que es mi igual...”-, y que ellos eran sin duda la pareja perfecta –“los dos necesitamos las mismas horas de sueño, y la misma cantidad de comida y tiempo para escribir” ... Sin embargo, el embelesamiento no sería eterno y pronto se vio nuevamente envuelta en la angustia y la confusión: “El mundo se ha vuelto tortuoso y amargo como un limón de la noche a la mañana”.

La pareja se trasladó por un tiempo a Estados Unidos, y Sylvia volvió como profesora al Smith College. Pero tampoco fue una época fácil, ya que, entre las clases y las tareas domésticas, prácticamente no tenía tiempo para su escritura; envidiaba terriblemente a su marido que sólo se dedicaba a escribir, sin preocuparse de ganarse la vida con otro tipo de trabajo “real” como lo hacía ella. La sinusitis y la gripe la aquejaban frecuentemente y cada vez que enfermaba volvía a sumirse en oscuras depresiones: “Me merezco un año, dos años, para dar vida propia a mi propio yo”. Tuvieron una corta tregua, eso sí, cuando pasaron unas semanas en Yaddo, un lugar de residencia de importantes escritores y artistas. Fue allí donde Sylvia se fascinó con la poesía de Theodore Roethke y adoptó un tono más coloquial, irónico, desenfadado y

suelto en su escritura. Hacía poco había conocido la poesía de Robert Lowell y también a la poeta Anne Sexton; las dos se identificaron muchísimo, adquiriendo Sylvia de esta última el uso de elementos oníricos y surrealistas. De hecho, ambas serían reconocidas como figuras relevantes de la poesía confesional y coincidirían en un trágico final. ¿Mujeres adelantadas para su época? Muchos especulan ahora sobre la bipolaridad de Sylvia Plath. Es posible que los medicamentos adecuados hayan sido el ingrediente que no supieron indicar en su hoja de vida.

En 1959 Sylvia Plath y Ted Hughes regresaron a Inglaterra. Vivieron en Londres y un año después se trasladaron a Devon. Compraron una casa vieja con diez habitaciones, que parecía apropiada para la familia que esperaban. En abril de 1960 nació su primera hija, Frieda, hecho que coincide con el tono más intimista de su poesía. Deja las musas y los dioses del mundo exterior, los personajes mundanos y los acontecimientos cotidianos, para internarse en “su casa”, “una casa oscura, muy grande, la hice yo misma”. La fama de Sylvia crecía. Escribía poesía y prosa para la BBC y en 1961, *The New Yorker* había firmado con la autora un contrato de “primera opción”, que daba el derecho a la revista de leer y publicar todas sus nuevas obras.

Casi dos años más tarde, en enero de 1962, nació su hijo Nicholas. Ya con dos hijos pequeños, muchos poemas están dedicados a la maternidad y a estas criaturas que emanaban pura ternura: “Ellos son lo más real, muy bien: lo Bueno, la Verdad”. Pero se precipitaba una catástrofe. Tan sólo meses después, en octubre de ese mismo año, la relación con Ted Hughes llegaba a su fin. Sylvia había descubierto la infidelidad de su marido con otra poeta. El dolor la desequilibró completamente. Hizo una hoguera con material escrito de Hughes. Fue durante esos momentos cuando escribió los poemas que formarían el núcleo de *Ariel*, el primer libro publicado después de su muerte. En el poema del mismo nombre, escribe: “Y ahora yo/ De espuma a trigo, esplendor de océanos/ El llanto de un niño// Se deshace en la pared/ Y yo/ Soy la flecha/ El rocío que vuela/ Suicida, al unísono con el impulso/ Hacia lo rojo”.

En 1963 se publicaba en Inglaterra su novela autobiográfica *La campana de cristal*, bajo el pseudónimo de Victoria Lucas, que escribió tomando como modelo la novela *The Catcher in the Rye*, de Salinger. El escribirla le dio por primera vez un sentido de continuidad a su escritura y escribió a una amiga diciéndole que nunca había tan entusiasmada como ahora. Allí relataba muchas experiencias vividas antes de casarse, desde sus amores y los años de universidad hasta el intento de suicidio.

La verdad es que la obra de Sylvia Plath nunca se desprende del todo de una atmósfera de abandono existencial, donde no hay prácticamente espacio para un refugio seguro. “El cielo siempre se está cayendo aquí abajo”; “ésta no es la muerte; es algo más seguro”. Sylvia Plath nunca le tuvo miedo a la muerte. Desde joven se asoció con ésta de igual a igual, y sabía tratar sus elementos tan bien como trataba con la vida. “Estoy en el lugar del después del infierno; veo la luz”. Desde este lugar, después de su separación, no logró salir. No se pudo la vida sola con dos niños pequeños a su cargo. Comenzó a enfermarse con frecuencia y vivía con un cansancio metido en los huesos. Se había trasladado entonces a Londres, a un departamento que había sido la casa de W. B. Yeats. A pesar de que esto fue un buen presagio en un principio, fue ahí cuando decidió acabar con sus días de angustia y desolación. La escritura no logró ser un refugio seguro y se confió en lo que pensó sabía hacer incluso mejor que escribir: “Morir/ es un arte, como todo lo demás. / Yo lo hago excepcionalmente bien”, son acaso los versos más conocidos de Plath, parte del poema “Lady Lazarus”. Como en un drama de humor negro, ese humor que a ella le gustaba, el suicidio fue la manera de celebrar su tercer aniversario como escritora consagrada. No logró ver el exitoso futuro que tenía por delante. No fue capaz de romper el modelo destructivo impuesto por su historia familiar; Sylvia abandonaría a sus hijos tal cual lo había hecho su padre.

Casi todo lo escrito por Sylvia Plath pasó a manos de Ted Hughes, quien se encargó de seleccionar y publicar su obra. Sin embargo, él mismo confesó haber destruido parte de sus diarios de vida: los que ella escribió durante los años más difíciles de su matrimonio. Hay otros documentos de la autora que permanecerán sellados en el Smith College hasta el año 2013. Otros sólo se podrán conocer después de la muerte de su madre Aurelia y de su hermano Warren. Al parecer, la última palabra de esta inusual historia aún no está escrita.

REFERÊNCIA

ATAL, Jessica. Sylvia Plath: una poeta en tres muertes. *La Panera*, jun 25, n.12, 2011. p. 26-27. Disponible en: https://issuu.com/miracultura/docs/la_panera_12. Acesso em: 22 abr. 2021.